## Artes Visuais

# Grafismo e arte gráfica

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

*Em instante que se perde no tempo, quando o homem imprimiu sua própria mão nas paredes das cavernas, inventou a arte gráfica.*

*Daí, para outras matrizes, riscá-las, entintá-las e reproduzir a imagem em novos suportes, criar técnicas, inventar processos, construir máquinas, até chegar à tipografia de Gutenberg e da tipografia (impressão de relevo), atingir a era contemporânea, passando pela rotogravura (nada mais que o "intaglio" ou água-forte) e mais recentemente o "off-set", que é a versão industrial (com chapas metálicas ou papel especial) da litografia em pedra, a partir do princípio da oposição da água e do óleo, passaram-se séculos, centenas de séculos, talvez 40 mil anos.*

*Até os tipos móveis de Gutenberg as artes gráficas eram puramente manuais, quer o desenho, quer a escrita. Mesmo depois da tipografia, as artes gráficas não dispensaram a habilidade de um gravador (a rotogravura já existe desde o século 15) ou de um desenhista litógrafo (a litografia é criação do alemão Senefelder, em 1799), até o advento da fotografia que revolucionou os princípios das artes gráficas, favorecendo a criação do clichê, recurso que dispensou a participação obrigatória do gravador ou do desenhista.*

*As artes gráficas, até então, dependiam basicamente do traço, cuja aplicação ganhou a designação de "grafismo". Grafismo, portanto, é o conteúdo do continente "arte gráfica".*

*Por extensão, "grafismo" passou a definir todo e qualquer trabalho, mesmo não sendo de arte gráfica, que utilize o desenho, em que o traço seja básico. Obviamente toda arte gráfica implica em grafismo. São inerentes (como cientificismo-ciência, filosofismo-filosofia), mas nem todo "grafismo" (na acepção corrente, por extensão) implica em arte gráfica.*

*A gráfica, por princípio, é técnica de reprodução por meio de matriz, seja ela qual for, desde a palma da mão até as sofisticadas programações de computador. Grafismo é a essência da arte gráfica, expressão, como já ficou dito, levada fora dos seus verdadeiros domínios, passando a conceituar a arte que inclui o desenho. Mas, o traço, o desenho, a arte que inclui o desenho, por si só, não é arte gráfica. O desenho poderá ser utilizado com técnicas para reprodução, por opção do artista. Entretanto, ele, hoje, nem mais é essencial às artes gráficas, como foi em tempos distantes.*

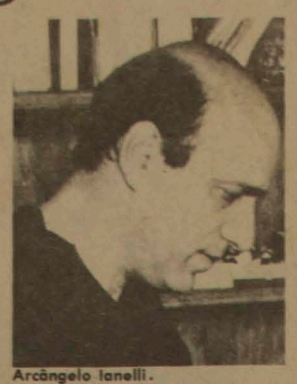
*No momento em que a tecnologia criou meios de se praticar a arte gráfica sem necessidade do desenho, ela libertou-se do traço, ganhou novos horizontes, deu vôos milagrosos, com o uso de suportes tais como o vídeo, a lastra holográfica, etc.*

*O Centro que a Folha se propõe a manter dentro das fronteiras das artes gráficas, define como de seu interesse, toda criação artística revelada através de matriz, que permita reprodução por qualquer procedimento mecânico, químico ou eletro-eletrônico, manual (artesanal) ou industrial.*

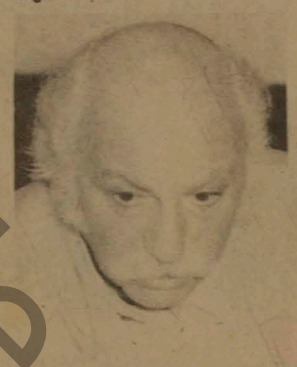
*Assim, são catalogadas, com o denominador comum de "arte gráfica", estas técnicas e suas variações: 1) Gravação (madeira, metal, etc); 2) Lito (em pedra); 3) Tipografia, rotogravura e off-set (litografia) e outros processos industriais usuais na indústria gráfica, tais como serigrafia (silkscreen), letterset (off-set seco), Flexografia (chapa de borracha ou plástico), colotipia (fototipia) e termografia (antes de tudo, um processo de acabamento); 4) Fotografia; 5) Editoria (livros, jornais, revistas, etc); 6) Xerografia, heliografia e outros meios de copiagem a luz; 7) Mimeografia e afins; 8) Forma, carimbo, máscara, molde etc; 9) Desenho industrial (design); 10) Cinema (super-8, etc); 11) Vídeo-tape, LP-vídeo, vídeo -cassete; 12) Desenho, caligrafia, charge, quadrinho, ilustração, iluminura, vinheta, destinados à reprodução; 13) Computação; 14) Holografia.*

*E bem possível que nesta relação do que o Centro de Artes Gráficas da Folha entende como "arte gráfica", tenha escapado alguma técnica de produção de arte gráfica. Claro que será sempre do interesse do Centro toda forma de arte que preencha a exigência mínima da multiplicação por processos mecânicos, químicos ou eletro-eletrônicos, a partir de matriz ou programação, artesanal ou industrial.*

*Ficam fora de cogitação imediata, tendo, entretanto, sempre interesse mediato, as artes que fujam deste critério, tais como desenho pintura, escultura, arquitetura, etc.*


Arcângelo Ianelli.

Regina Silveira.


Hermelindo Fiaminghi.

Wesley Duke Lee.

Fábio Magalhães.

Dulce Carneiro.

Sepp Baendereck.

Cláudio Tozzi.

## Excertos de opiniões

*A confusão entre grafismo e arte gráfica é evidente, mesmo entre os artistas que atuam neste capítulo das artes. Claro está que o que interessa é o resultado final da obra de arte e que a aplicação de rótulos tem apenas mero interesse didático com fins de catalogação.*

*Mas o Centro de Artes da Folha quer limitar sua atuação no campo das artes gráficas. E por isso mesmo se vê obrigado a estabelecer fronteiras nítidas, adotando como definição de arte gráfica, a arte produzida a partir de matriz e, portanto, multiplicável. Matriz, então, todo recurso, não importa a espécie, que viabilize as cópias (exemplares reproduzidos). Assim, matriz é o taco de madeira, a chapa de cobre, a tela de seda, o negativo cine-fotográfico, o stencil, a chapa de off-set, o clichê, o molde, a programação etc.*

*Considerável parte dos artistas que opinaram nesta página, sobre artes gráficas, defende ponto de vista que coincide, em diversos aspectos (os aspectos essenciais), com o critério que será adotado pelo Centro de Artes Gráficas que a Folha inaugurará brevemente.*

*Rememorando o que foi dito e publicado, vale a pena novamente registrar que Wesley Duke Lee afirmou que há duas visões distintas de artes gráficas, uma a tradicional, do desenho e gravura, e outra que é tudo que envolve as reproduções técnicas orientadas para a comunicação e que sejam artisticamente elaboradas, entrando aí a fotografia.*

*Em resumo, o que Wesley quer dizer, creio, é que a confusão entre grafismo e artes gráficas realmente existe: o desenho (grafismo) versus reproduções (artes gráficas).*

*Conclui Wesley: "Se o Centro se dedicar às artes gráficas industrializadas, poderia vir a ser uma idéia muito original."*

*Dulce Carneiro entende por artes gráficas: Paginação, diagramação de jornais, revistas e livros. Reprodução de todos os tipos de gravura. Desenho. Fotografia. Criação de logotipos. Criação de papéis de carta, fichas, enfim, impressos comerciais. Desenho industrial (design). Planejamento gráfico urbano, placas de sinalização para firmas e cidades.*

*Júlio Plaza afirma que sob o rótulo "artes gráficas" são catalogados "todos os processos e técnicas que visam a reproduzir em cópias qualquer tipo de imagem ou escrito, usando-se chapa ou matriz mecanicamente impressa".*

*Júlio Plaza ainda diz: "Com a invenção de novas tecnologias como o computador a TV, que permitem falar de gráfica eletrônica, temos aí uma expansão clara das técnicas de repro e produção gráfica". Prossegue: "Claro que fotografia, "design" e outros produtos são artes gráficas."*

*Genilson Soares afirmou: "O conceito de artes gráficas engloba não só as artes tradicionais da gravura, incluindo "silk-screem", como também os procedimentos de reprodução mecânica como "off-set", rotogravura e outros, conquistados para o campo das artes, como o mimeógrafo e o xerox".*

*Fábio Magalhães é a favor do conceito mais abrangente de artes gráficas, "aquele que engloba as artes relacionadas com a imprensa, a editoração, a tipografia, a gravura nos seus diferentes aspectos, o desenho, o design, a colagem, o projeto e a fotografia".*

*Alfredo Aquino diz: "E arte gráfica toda obra de arte que carregue em seu bojo um instrumental de reprodução; que é criada a partir desse instrumental; que dele se utilize para alcançar uma tiragem maior ou menor." Aquino afirma ainda: "Assim, uma pintura não é arte gráfica. A fotografia, mesmo em peça única, possui em si o processo de reprodução. Como a gravura e suas variadas apresentações. Da mesma forma incluiria aqui o desenho industrial e as artes ligadas à editoração: tipologia, capas de livros, edições criativas e originais de livros etc."*

*Arcângelo Ianelli é claro ao dizer que pintor que utiliza linhas ou grafismo em seus trabalhos, não se inclui na categoria do artista gráfico. Acredita que se encaixam em artes gráficas as manifestações de arte que exigem reprodução, a tradicional gravura (xilo, lito etc.), fotografia, ilustrações e as impressões dentro da área de artes gráficas industrializadas em geral.*

*Regina Silveira acha que as artes gráficas são o conjunto de técnicas manuais, mecânicas, fotográficas, elétricas ou eletrônicas que permitem a produção múltipla de imagem, a partir de uma matriz ou programa visando à reprodução.*

*"Nelas — diz — incluo desde a técnica da gravura até as tecnologias mais novas e sofisticadas, como a holografia, a gráfica por computador, a telefoto e o vídeo." Regina exclui do rol das artes gráficas o desenho e a pintura. Comenta judiciosamente que a apropriação de recursos gráficos pelo artista não classifica seu trabalho como de arte gráfica. "Por esse caminho — afirma — há só um passo para confundir gráfica com grafismo e aí tem-se o verdadeiro "saco de gatos", onde caberiam esculturas, objetos, arquitetura e até mesmo performances "gráficas".*

*Hermelindo Fiaminghi considera a TV gráfica eletrônica. Diz que a imagem via satélite, a holografia e outros "bichos" tornam obsoleta qualquer discussão. As artes gráficas são hoje uma atividade ampla e abrangente. A tecnologia evoluída eletronicamente se coloca a serviço do artista plástico que se utiliza das novas técnicas gráficas ainda com timidez.*

*Cláudio Tozzi afirma: "Considero arte gráfica o associar uma técnica à multiplicação de uma imagem através de uma matriz. Neste conceito ficam contidos todos os processos gráficos de reprodução, desde a xilografia, gravura em metal, litografia, serigrafia até os processos mais recentes que permitem os novos movimentos de artes plásticas traduzirem-se em imagens para reprodução. Neste conceito, desde a imagem tradicional "desenhada" pelo artista na matriz até o registro de imagens por fotografia, cinema, vídeo-teipe, fotos termográficas ou produzidas por computadores ou raio laser, que podem ser transformadas em matrizes para serem reproduzidas."*

*Tozzi não exclui das artes gráficas o "design", assim como a programação visual: imagens institucionais, sinalização urbana, embalagens, cartazes, revistas etc.*

*Sepp Baendereck entende por artes gráficas "o conjunto de processos para a obtenção de impressões múltiplas a partir de uma chapa ou matriz, preparada pelo artista ou por um impressor, utilizando um trabalho original de um artista".*

## Debate na Pinacoteca

Na próxima terça-feira, dia 28 de abril, a Pinacoteca do Estado dará sequência a uma série de debates sobre obras que mensalmente são destacadas de seu acervo. Esses debates mensais, iniciados em março passado, abrem espaço para discussão de problemas da Arte Brasileira e representativa.

O destaque do mês de abril do presente ano é o quadro "Pintura", de Maria Leontina Franco da Costa, datado de 1967. O debate será coordenado por Aracy Amaral e contará com a presença e o depoimento de Paulo Mendes de Almeida, visando a atingir, além da abordagem e discussão do trabalho em questão, outros aspectos da obra da pintora paulista.

O debate se realizará no auditório do Museu, com início previsto para as 20:00 horas. O endereço da Pinacoteca do Estado é: Av. Tiradentes, n.º 141, com fácil acesso pela estação Luz do Metrô. A entrada é gratuita e maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone 227-6329.

## Notas

"Arte Negra/Raizes", é a exposição que o Paço das Artes (av. Europa, 158) vai inaugurar no dia 5 de maio (até 17), englobando pintura, escultura, fotografia, gravura, literatura e dança.

★

Dando continuidade às atividades de 1981, o Gabinete Fotográfico da Pinacoteca do Estado está mostrando, até 3 de maio, "Viagem ao Sul", um ensaio de Manuel Reis.

Manuel Reis, 30 anos, desenvolve há 10, trabalhos de fotografia e comunicação visual e expõe em São Paulo pela primeira vez, individualmente.

★

Está marcado para 20 de junho a inauguração do 1.º Salão de Artes Visuais de Rio Claro, no Centro Cultural da cidade. Este Salão é uma evolução em relação ao Salão de Belas Artes daquela cidade, que vinha se realizando anualmente há seis anos.

Excetuando-se arquitetura e desenho industrial, qualquer obra de arte visual poderá ser inscrita, concorrendo aos 300 mil cruzeiros de prêmios aquisição, a critério do júri de seleção e premiação.

As inscrições deverão ser entregues, com as obras, na Prefeitura de Rio Claro (Departamento de Educação e Cultura), à rua 3, n.º 945 (tel.: 34-5544), até 17 de maio.

★

No próximo dia 6 de maio, quarta-feira, Lia Amaral Sousa estará abrindo sua primeira exposição individual na Galeriatelier (rua Oscar Freire, 2.549), apresentando duas séries de desenhos, feitos entre 1979 e 1981, realizados em pastel seco, 20 figurativos e 12 de figuração abstrata.

A exposição estará aberta até o o dia 21 de maio.

Lia, paulista, fez cursos com Mário Gruber, Gontran Guanaes Neto, Júlio Plaza e Dudi Maia Rosa, entre outros, tendo participado de vários salões, como a Bienal Nacional de 1974 e o Jovem Desenho, no MAC, em 1980, além de ter formado, em 1973, o Grupo Gral (com Astarté, Gretta e Rosa).

"Desenvolvo nesses desenhos uma idéia de masculino e feminino. Alguns são mais delicados, nas passagens de cores, na suavidade do traço, enfim, mais "femininos". Os outros são tratados de modo mais expressivo, o grafismo se acentuando, as cores se contrastando mais, o pastel usado como pinceladas em alguns campos do espaço: mais "masculinos".

"Depois de 2 anos de convivência, de lutas e prazer por vê-los nascer e irem crescendo em forma de séries eles acabam se tornando autônomos. Por que desenhos? Bem, desenho para mim era uma coisa, uma hierarquia. Eu fazia desenho com o fito de chegar à pintura, era sempre um degrau, nunca me detive na linguagem específica dele. Após um curso de linguagem visual com o Júlio Plaza, em 1979, percebi que poderia desenvolver uma nova proposta com o desenho e a partir daí nasceu essa exposição."

★

O Museu Lasar Segall inaugura na Sala 1, no próximo dia 30, às 14h30, a 12.ª e última mostra do Ciclo de Exposições sobre a Gravura Alemã Contemporânea — "Realismo Crítico", com duração até 26 de maio.

Esta mostra, com o patrocínio do Instituto Goethe, encerrará o Ciclo que teve início em 1975.

## Discos/Lançamentos

Espaço cheio de competência.

Shearing em franca criatividade.

Um LP com vários atrativos.

## O jazz em excelentes versões

Não se sabe por que a Copacabana decidiu aplicar aos seus suplementos de jazz o esquema conta-gotas: três LPs por semana, embora o pacote inteiro se componha de onze discos.

Lionel Hampton with Milt Buckner: "Alive E Jumping" (MPS); com Lionel Hampton, vibrafone; Milt Buckner, piano e órgão; Cat Anderson, pistão; Eddie Chamblee, sax-tenor; Paul Moen, sax-alto; Billy Mackel, guitarra; Barry Smith, contrabaixo; e Frankie Dunlop, bateria — O disco possui vários atrativos. Mostra o primeiro vibrafonista de gênio do jazz, o velho e sempre risonho Hampton; é, também, a última gravação do organista Milt Buckner, feita ao vivo em maio de 1977, dois meses antes de sua morte; e, finalmente, mostra um pouquinho da maestria de Anderson no pistão. A combinação vibrafone-órgão foi tentada pela primeira vez em 1941, quando Hampton recrutou Buckner para seu conjunto. Data daí o sucesso "Hamp's Boogie Woogie", composto por ambos e presente neste disco, que privilegia principalmente a alegria e a espontaneidade. É curioso observar a evolução do vibrafone: simples e direto, com muito swing (Hampton); angulosamente nervoso e ágil (Milt Jackson, bebop); e extremamente complexo (Gary Burton).

"Have You Met This Jones?", com o Hank Jones Trio; Jones, piano, Isla Eckinger, contrabaixo; e Kurt Bong, bateria (MPS) — Na família Jones, o pianista Hank é talvez o menos conhecido (injustamente dirão muitos quando ouvirem este disco). Pois Thad é o grande pistonista e bandlider que se conhece; Elvin é o gigante da bateria moderna; e Hank, sem dúvida, um dos mais solicitados músicos para participar de gravações de jazz nos últimos trinta anos. Este disco, realizado em 1977 na Alemanha, dá-lhe espaço suficiente para provar sua competência em clássicos tão díspares como "There's a Small Hotel", da dupla Rodgers e Hart, "Portions" do irmão Thad Jones, "I Got it Bad and Tha! Ain't Good", de Ellington, e a instigante "Now's The Time", de Charlie Parker. Sua própria inventiva se exercita no bebopiano tema "We're All Together".

"500 Miles High", com o George Shearing Trio; Shearing, piano; Louis Stewart, guitarra; e Niels Henning Orsted-Pedersen, contrabaixo — Copiosamente lançado pela Copacabana no Brasil, o pianista cego George Shearing mostra, neste disco gravado há quatro anos, que permanece em franca criatividade. Se, por um lado, não deixa de ser repetitivo ouvi-lo de novo em faixas como "There's that Rainy Day", é simplesmente auspicioso poder degustar o opulento, imaginativo e altamente técnico contrabaixo de Pedersen — sem dúvida um dos grandes mestres atuais do instrumento em todo o mundo. O unissono de Pedersen e Shearing em "Cheryl", de Parker, por exemplo, é perfeito. Ou então o apoio harmônico/rítmico de Pedersen na ótima faixa-título, de Chick Corea. — João Marcos Coelho.

## Lennon ao vivo em Toronto

John Lennon, "The Plastic Ono Band-Live Peace In Toronto" (Emi-Odeon) — Com a morte (até hoje a gente custa a acreditar nela) do ex-Beatle, seus discos antigos voltaram a ser muito procurados nas lojas. No entanto havia um deles que nem fora editado no Brasil. Esta semana, o LP, gravado ao vivo no Festival de Toronto em 1969, foi finalmente lançado aqui. A banda era formada por John, Yoko Ono, Eric Clapton (guitarra), Klaus Voorman (baixo) e Alan White (bateria). Entre as músicas está "Give Peace a Chance" que seus fãs cantaram logo após a sua morte, diante do edifício Dakota.

Céu da Boca (independente) — Grupo vocal de 11 elementos que, antes, se chamava Pró-Arte e já participou de várias faixas em discos de Wagner Tiso, César Camargo Mariano e Joyce. No repertório, "Uva de Caminhão", de Assis Valente, "Melancolia", de Luiz Eça, "Odeon", de Ernesto Nazaré, "Sabiá, Coração da Viola", de Ailton Escobar e "Bumba Meu Boi da Boa Hora", de Zé Rocha. Para o lançamento do disco, o grupo fará um show no auditório Augusta no começo de maio.

Jackson do Pandeiro, "Isso É Que É Forró" (Polygram) — Figura importantíssima na nossa música e inspirador de muitos jovens valores em novo disco, onde incluiu quatro composições dele, com parceiros: "Cabeça Feita", "São Tomé", "Competente Demais" e "Mundo Cão".

Dominguinhos, "Querubim" (RCA) — Na faixa "17 Légua e Meia", de Humberto Teixeira e Carlos Barroso, há um "duelo" entre a "sanfona" de Dominguinhos e a guitarra de Heraldo do Monte. A cantora Guadalupe, também tem uma participação especial no disco, cantando na faixa "Diz Amiga", composição dela e de Dominguinhos.

Elvis Presley, "Guitar Man" (RCA) — São músicas já lançadas anteriormente mas que, agora, receberam um banho de laboratório: o produtor Felton Jarvis, norte-americano, modificou os acompanhamentos dando-lhes uma nova roupagem. Entre as faixas estão "Guitar Man", "You Asked Me To", "I'm Movin' On", "Just Call Me Lonesome" e "After Loving You".

Bill Haley and His Comets, "Twistin' Knights At The Roundtable" (RCA) — LP gravado ao vivo, incluindo "Lullaby of Birdland Twist", "Caravan Twist", "Eight More Miles to Louisville" e "Down By the Riverside".

Paul Mauriat, Volume 28 (Polygram) — Sua orquestra executa "Hey (Il Faut Toujours Un Perdant)", "Woman In Love", "Love On the Rocks", "Guilty", "The Best of Times" e "Donner Pour Donner".

Zé Lima (Aycha) — Começam a aparecer os discos dos participantes do MPB-81 da TV Globo, o que, a julgar pela sua primeira eliminatória, não está sendo uma boa carta de referência. Zé Lima é aquele rapaz que cantou uma homenagem a Luiz Gonzaga, "Gonzagueando o Fole". Neste seu primeiro LP estão também "O Credo do Nordestino", "Paraíba" e "Um Dia no Vale". — Dirceu Soares.

Um estilo francês no gênero.

Alto nível de interpretação.

Um disco precioso.

Uma lembrança inédita de Lennon.

Um banho de laboratório.

Um ótimo "duelo" com Heraldo.

## Música de qualidade para cantar

Uma curta mas excelente semana, a que passou, pois a Polygram distribuiu três discos excelentes, por seu selo Philips, onde predomina a música vocal da melhor qualidade.

Johannes Brahms: "Concerto n.º 2 para Piano e Orquestra"; com Stephan Bishop Kovacevich (solista); London Symphony Orchestra; regência de Colin Davis — Aos 41 anos, Stephan Bishop é um dos mais conceituados pianistas da atualidade. Enfrenta, discograficamente, um repertório amplo, e tem visitado regularmente o Brasil. Já foi casado com a pianista argentina Martha Argerich, e é com ela que gravou um dos seus melhores discos, com obras de Bartok, Debussy e Mozart (lançado no Brasil há tempos). No domínio dos concertos, Bishop tem por norma escolher sempre o regente Colin Davis — um músico particularmente dotado —, com o qual já gravou dois concertos de Mozart, os de Grieg e Schumann (todos distribuídos no Brasil), além dos cinco de Beethoven. O segundo concerto para piano e orquestra de Brahms tem constituído um real desafio para aqueles que se aventuram a gravá-lo — pela densidade de escritura, pela opulência técnica exigida, mas, sobretudo, pelo rigor extremo que requer. Bishop, Davis e a Sinfônica de Londres conseguem um padrão muito alto de interpretação.

Franz Schubert: "Lieder"; com Elly Ameling (soprano) e Dalton Baldwin (piano) — Este é um disco precioso. Embora gravado há sete anos, conserva, nas geniais dezesseis canções (Lieder) do mais sutil compositor do gênero, uma aura inacreditável. A voz privilegiada de Ameling passeia com enorme sensibilidade por obras-primas como "Im Abendrot", "Schlummerlied", "Das Madchen" e "An die Laute", entre outras. O acompanhamento, ao piano, de Baldwin — com quem ela esteve no Brasil, em 1979 — é preciso.

"Jessye Norman sings Duparc / Ravel / Poulenc/Satie"; Norman, soprano; Dalton Baldwin (piano) — A canção culta, ou Kunstlied, oposta à canção popular, ou volkslied, definiu-se como gênero estratificado no final do século 18, e rapidamente alcançou a perfeição com Schubert (de que o disco de Ameling é um soberbo exemplo). Já neste último é impressionante o modo como a música realizada pelo piano reproduz, em termos sonoros, a ambiência poética dos versos cantados (geralmente retirados de obras de poetas). Na segunda metade do século passado, Berlioz encarregou-se de assimilar e transformar algumas das características do lied alemão, estabelecendo o início de uma maneira francesa no gênero. O disco de Jessye Norman — dona de uma voz opulenta, que marca bem a sensualidade — traz uma bela amostra desse domínio. As letras são ora de Baudelaire, ora de Apollinaire, e a música — sempre refinada e evanescente, exceto as quatro canções de Erik Satie — escorre etérea, seja o compositor Henri Duparc, Francis Poulanc ou Maurice Ravel. Em tempo: nas contracapas dos discos de Ameling e de Norman, estão todas as letras completas das canções. — João Marcos Coelho

acervo do artista brasileiro